



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Descolonialidade e Bem Viver Quilombola: resistências e re-significações identitárias em manifestações culturais negras no extremo sul do Brasil

Autor: Tiago Larrosa Freitas

tiagolarrosafreitas@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Brasil

Co-autor: Prof. Dr. Marcus Vinícius Spolle

sociomarcus@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Brasil

2017



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Resumo:

A partir da colonização do continente americano e da constituição de um novo padrão de poder mundial, as diferenciações entre os povos a partir da ideia de raça serviram para imprimir uma situação de servidão aos povos originários da América e, logo em seguida, uma situação de escravização aos povos originários da África. Ao longo dos últimos séculos, a resistência dos povos africanos escravizados e seus descendentes formaram no Brasil as chamadas comunidades remanescentes de quilombos. Como consequência de pressões populares, as comunidades remanescentes destes quilombos conquistaram, a partir da Constituição Federal de 1988, o direito de obter o registro oficial da propriedade coletiva do território onde desenvolvem seus saberes e atividades. Porém, apenas a garantia material da propriedade da terra não vem sendo suficiente para que estas populações convivam em harmonia com seus modos de bem viver. Sendo assim, esta pesquisa analisou de que maneira e em quais circunstâncias a identificação enquanto comunidade quilombola vem sendo acionada por essas famílias negras rurais para a manutenção em seu território, possibilitando e facilitando o acesso às situações de bem viver quilombola. Os resultados apontam que o agenciamento da identificação enquanto quilombolas vêm sendo fundamental na manutenção e efetivação de direitos adquiridos e na conquista de situações de Bem Viver destas famílias. Além disso, para que exista este bem viver é necessário que se contemplem as demandas quilombolas por infra-estrutura material, por fortalecimento da cultura local quilombola e ainda as demandas que envolvem a relação com os não-quilombolas. Foi percebido que a construção da identidade quilombola se dá a partir das relações já existentes entre a antiga identidade de agricultores negros, que carregava como característica a discriminação e preconceito, e as novas re-significações identitárias, que fazem com que a comunidade transforme em auto-estima e em ações afirmativas a sua condição de quilombolas. Foram realizadas entrevistas abertas e semi-estruturadas, observações participantes e utilizado o método biográfico e História de Vida de Jacques Léon Marre. Para compreender as singularidades destes modos de vida quilombola são trabalhados os conceitos de *Bem Viver* e da *Colonialidade do Poder*, utilizados por Aníbal Quijano. Além destes, também os conceitos propostos por Stuart Hall e Homi Bhabha sobre as re-significações identitárias, as traduções culturais e *difference*. Ainda, os estudos de Florestan Fernandes e de Antônio Sérgio Guimarães contribuíram para pensar as diferenças e os conflitos de raça e classe no Brasil. Estes conceitos são pensados na perspectiva de compreender os modos de vida destas comunidades, incluindo suas manifestações culturais, como processos de resistências históricas e sociais.

Palavras-Chave: Identidade; Descolonialidade; Bem Viver Quilombola.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Abstract:

From the colonization of the American continent and the constitution of a new pattern of world power, the differentiations between the peoples from the idea of race served to impress a situation of servitude to the native peoples of America and, soon after, a situation of enslavement to the peoples originating in Africa. Over the past few centuries, the resistance of enslaved African peoples and their descendants has formed the so-called quilombos communities in Brazil. As a consequence of popular pressures, the remnant communities of these quilombos conquered, from the Federal Constitution of 1988, the right to obtain official registration of the collective property of the territory where they develop their knowledge and activities. However, only the material guarantee of land ownership is not enough for these populations to live in harmony with their ways of living well. Thus, this research analyzed how and in what circumstances identification as a quilombola community has been triggered by these rural black families for the maintenance in their territory, facilitating and facilitating access to quilombola well-being situations. The results indicate that the identification of quilombo marriages has been fundamental in the maintenance and fulfillment of acquired rights and in the conquest of situations of well-being of these families. In addition, for this well-being to exist, it is necessary to contemplate the quilombola demands for material infrastructure, for strengthening the local quilombola culture, and also the demands that involve the relationship with the non-quilombolas. It was perceived that the construction of the quilombola identity takes place from the existing relations between the old identity of black farmers, who carried as a characteristic the discrimination and prejudice, and the new re-significations of identity, that make the community turn into self -estimated and in affirmative actions their status as quilombolas. There were open and semi-structured interviews, participant observations and Jacques Léon Marre's biographical method and Life History. To understand the singularities of these quilombola ways of life are worked the concepts of Well Living and the Coloniality of Power, used by Aníbal Quijano. Besides these, also the concepts proposed by Stuart Hall and Homi Bhabha on the identity re-significations, the cultural translations and the difference. Still, the studies of Florestan Fernandes and Antônio Sérgio Guimarães contributed to the analysis of the differences and the conflicts of race and class in Brazil. These concepts are intended to understand the ways of life of these communities, including their cultural manifestations, as processes of historical and social resistance.

Keywords: Identity, Decoloniality; Good Living Quilombola



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Introdução

As várias transformações sociais ocorridas no planeta nas últimas décadas vêm modificando a maneira com que as pessoas se identificam e se relacionam em sociedade. A temática de estudos sobre o desenvolvimento das populações habitantes das áreas rurais, em especial as chamadas comunidades tradicionais, como as populações quilombolas, possuem algumas interessantes especificidades.

Muitas destas famílias brasileiras são os públicos-alvo de políticas públicas de ações afirmativas e transferência de renda. As relações sociais envolvendo as famílias membros de comunidades quilombolas vêm sendo estudadas por meio de pesquisas e projetos de extensão, os quais tentam compreender as dinâmicas que envolvem a vida destas comunidades.

No mesmo sentido, este artigo se refere aos resultados de uma pesquisa sociológica realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, Brasil. Esta Pesquisa, já concluída, foi realizada entre os anos de 2014 e 2016, sendo requisito para a obtenção do título de mestre em Sociologia.

Este estudo, realizado numa das regiões com comunidades quilombolas no sul do Brasil, foi à procura dos relatos destas famílias negras para poder compreender a perspectiva das suas buscas por situações de Bem Viver Quilombola¹. Ao longo desta pesquisa foi possível identificar algumas das estratégias de manutenção e busca destas situações de Bem Viver na comunidade quilombola. Além disso, esta pesquisa se dedicou a analisar o sustento destas famílias por meio do auto consumo e comercialização e sua relação com a continuidade das práticas culturais, de caráter étnico, social e comunitário das famílias quilombolas, para a conquista de situações de Bem Viver Quilombola.

¹ Esta noção de bem viver é um conceito desenvolvido por Aníbal Quijano e será apresentado a seguir.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

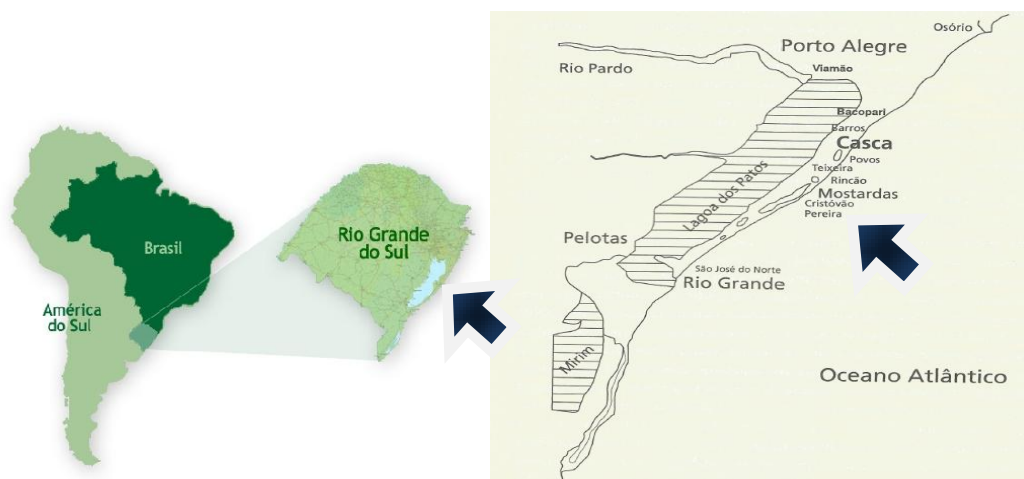
3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Com o decorrer da pesquisa foi se percebendo a necessidade de compreender a construção identitária, enquanto grupo de remanescentes de quilombos, nas relações entre quilombolas e não-quilombolas, pois estes encontros eram momentos importantes de afirmação de sua identidade. De um modo geral, enquanto estudo de caso, esta pesquisa teve como objetivo compreender os processos sociais e culturais relacionados à identificação enquanto quilombolas, das famílias da comunidade dos Teixeiras, na busca por situações de Bem Viver Quilombola.

As vivências, entrevistas e observações foram realizadas com as famílias remanescentes de quilombos² que formam a chamada comunidade negra dos Teixeiras, ou Quilombo dos Teixeiras, no município de Mostardas, estado do Rio Grande do Sul, localizado no extremo-sul do Brasil. Estes relatos perpassam histórias de sofrimento, alegrias, lutas, festejos e esperanças em futuros diferentes do passado sofrido. Mesmo com o desejo de outros rumos para os(as) mais jovens, existe a vontade, pela comunidade de um modo geral, de manter as singularidades que demarcam positivamente as características da comunidade quilombola dos Teixeiras.



Localização do município de Mostardas, estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Mesmo com a melhoria, nas últimas décadas, das condições materiais de vida dos remanescentes das populações de quilombos do Brasil, existem ainda algumas demandas de

² Tratarei aqui os termos “comunidade negra rural”, “comunidade de remanescentes de quilombos” e “comunidade quilombola” como sinônimos.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

importantes direitos a serem efetivados. Além da demanda histórica pelo registro oficial dos territórios ocupados e recebidos como legado, a população quilombola também apóia a reprodução das manifestações das culturas quilombolas entre os mais jovens. São demandas que surgem das comunidades negras rurais, em especial do Quilombo dos Teixeiras, em Mostardas/RS.

Conforme Guimarães (2005), a nacionalidade no Brasil foi criada a partir de um projeto elitista e não foi fruto de lutas populares. Isto fez com que a nacionalidade, no Brasil, não se estendesse a todos os brasileiros. Para a população quilombola, a identificação por conta da categoria “raça” foi muito mais significativa do que a identificação por conta da “nacionalidade”, exatamente por terem ficado excluídos socialmente, não tendo acesso à cidadania de maneira plena. (GUIMARÃES, 2005, p.58).

O pertencimento racial a partir da auto-identificação enquanto famílias remanescentes de quilombos vêm colaborando significativamente no processo de coesão social nestas comunidades negras rurais. Em um contexto histórico brasileiro de segregação e discriminação, os laços de solidariedade e ajuda mútua entre negros(as) acabaram por reunir estas famílias em determinados territórios. No caso das populações quilombolas, a “raça” possui um sentido agregador muito maior do que a nacionalidade.

Mesmo após a abolição da escravidão a população negra no Brasil seguiu sofrendo inúmeras discriminações e segregações sociais. Em um posicionamento de combate a estas situações de opressão, grupos de pessoas se organizaram para lutar pela melhoria das condições de vida da população negra, especialmente das famílias remanescentes de quilombos. Como consequência destas pressões populares, as comunidades remanescentes destes quilombos conquistaram, a partir da Constituição Federal de 1988, o direito de obter o registro oficial da propriedade coletiva do território onde desenvolvem seus saberes e atividades.

A Constituição Brasileira de 1988 garante por meio do artigo nº 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT³, que seja reconhecida a propriedade definitiva das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo o Estado quem deve emitir

³ Legislação sobre comunidades quilombolas. Série Legislação. Nº 119. Brasília. Câmara dos Deputados. Edições Câmara, 2014. p.18.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

os respectivos títulos. Estes dispositivos jurídicos visam garantir os direitos de manutenção e continuidade das famílias quilombolas, bem como *das manifestações culturais* que lhes são próprias.

No Decreto Presidencial nº4.887, de 20 de novembro de 2003⁴, que regulamenta o artigo nº68 dos ADCT, consta que são consideradas remanescentes das comunidades de quilombos “os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotadas de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.” Consta ainda, no segundo parágrafo do artigo 2º, que “são terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural.” (LEGISLAÇÃO SOBRE COMUNIDADES QUILOMBOLAS, 2014, p. 118). Isto significa que as terras consideradas das comunidades quilombolas são aqueles territórios utilizados para todas as dimensões de sustento destas famílias negras rurais.

No caso da região de Mostardas/RS, a reprodução socioeconômica e cultural do quilombo dos Teixeiras passa por criar condições para que se mantenham os modos e práticas agrícolas ancestrais e pela conquista de melhorias ligadas à infra-estrutura material. Além disso, é preciso que se dê continuidade também às manifestações culturais e religiosas como, por exemplo, o Ensaio de Pagamento de Promessa para Nossa Senhora do Rosário, também chamado de Ensaio de *Quicumbi*. É importante atentar para as manifestações culturais negras da região como forma de manter os laços consangüíneos e de amizade entre as famílias quilombolas.

Dessa forma, percebe-se que, a condição de remanescentes de quilombos vem sendo utilizada na reconfiguração socioeconômica e cultural da comunidade negra dos Teixeiras. Ao desenvolver um estudo sociológico nesta conjuntura histórica, foi pensada uma problemática que envolve o seguinte questionamento: de que maneira e em quais circunstâncias a identificação enquanto comunidade quilombola, após o reconhecimento constitucional de 1988, vem sendo acionada por essas famílias negras rurais para a manutenção em seu território, possibilitando/facilitando o acesso às situações de bem viver quilombola?

⁴ Legislação sobre comunidades quilombolas. Série Legislação. Nº 119. Brasília. Câmara dos Deputados. Edições Câmara, 2014, p.118.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A partir destas questões, foi possível refletir sobre os processos de identificação destas famílias enquanto remanescentes de quilombos, analisando as formulações de estratégias para o sustento e manutenção das práticas culturais quilombolas. Mas para que estes conceitos e perspectivas fiquem melhor compreensíveis, ao longo das próximas páginas será apresentado o marco teórico e conceitual deste estudo realizado junto a estas famílias.

Desenvolvendo Bem Viver

Ao empreender um estudo de caso direcionado a interpretar a situação contemporânea de uma comunidade negra rural brasileira, remanescentes dos povos africanos, deve-se levar em consideração aspectos históricos e sociológicos da constituição do que veio a ser o continente americano. Os desdobramentos da colonização das Américas e da África, realizada pelos Estados do continente Europeu, vêm sendo sentidos até a atualidade.

Uma das possibilidades de perceber as relações coloniais é pensar em uma perspectiva em que a chamada “descoberta” da América tenha sido o início de uma nova configuração das relações de poder no mundo, em que a ideia de “raça” tenha sido utilizada para expressar uma diferenciação entre os povos, legitimando a existência de colonizadores e colonizados (QUIJANO, 2005).

Para Quijano, o novo padrão de Colonialidade de Poder, após a colonização ibérica do continente americano, está centrado na cultura europeia, trazendo a ideia de “raça” para conseguir legitimar as diferenças sociais e historicamente construídas. Aníbal Quijano desenvolve a seguinte ideia na contemporaneidade:

A globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial. Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de *raça*, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. (QUIJANO, 2005, p.117).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Este novo padrão de poder mundial foi inaugurado a partir do avanço dos países ibéricos em direção ao que veio ser chamada de América Espanhola, América Portuguesa e África Portuguesa. A classificação e a diferenciação social dos povos que assumiram as posições de colonizador e de colonizado se deram por meio da categoria “raça”. Estas diferenciações a partir desta categoria socialmente construída serviram para imprimir uma situação de servidão aos povos originários da América e, logo em seguida, uma situação de escravização aos povos originários da África.

A ideia da condição natural de inferioridade de um determinado povo foi um elemento crucial para a efetivação do processo colonizador. Mas mesmo com todas essas inúmeras adversidades históricas e estruturais, a população negra no Brasil e na América Latina conseguiu conquistar espaços de liberdade e de resistência cultural. Os quilombos são exemplos destes territórios, onde se transmite a cultura negra e popular, sendo locais de resistência aos ataques racistas e fascistas das ondas conservadoras que ciclicamente vêm ressurgindo nas sociedades.

Nesse sentido, a pesquisa buscou as possibilidades de diálogo entre: a perspectiva das famílias quilombolas na busca por melhores condições de vida e a ideia/conceito de *bienvivir* / bem viver, trazida pelo pesquisador peruano Aníbal Quijano (2011). O autor traz interessantes contribuições ao utilizar os termos “*BienVivir*” ou “*BuenVivir*” para se referir a

Um complexo de práticas sociais orientadas a produção e reprodução democráticas de uma sociedade democrática, um outro modo de existência social, com seu próprio e específico horizonte histórico de sentido, radicalmente alternativos a Colonialidade Global de Poder e a Colonialidade / Modernidade Eurocentrada. (QUIJANO, 2011, p. 77).

Estas práticas sociais alternativas à chamada Colonialidade Global de Poder criam situações e ambientes que sejam respeitados e valorizados os saberes ancestrais dos povos tradicionais. As práticas relacionadas ao Bem Viver foram identificadas inicialmente por antropólogos que estudaram os modos de vida dos indígenas que vivem na região da Cordilheira dos Andes, região noroeste da América do Sul. O termo “bien vivir” acaba sendo uma tradução, para a língua espanhola, dos termos usados pelos povos os quais vivem nos atuais Estados do Peru, Equador e Bolívia, para se referirem aos seus modos de vida, que estão intrínsecos às práticas dos povos originários da América.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Com relação aos idiomas falados pelos indígenas dos Andes e a sua transposição para língua espanhola, Quijano explica que

En el Quechua del Norte del Perú y en Ecuador, se dice Allin Kghaway (Bien Vivir) o Allin Kghawana (Buena Manera de Vivir) y en el Quechua del Sur y en Bolivia se suele decir “Sumac Kawsay” y se traduce en Español como “Buen Vivir”. (QUIJANO, 2011, p. 77).

Estas diferenças dos termos utilizados para se referir a uma situação que vem sendo chamada aqui de “Bem Viver” demonstra a enorme variedade e pluralidade cultural dos povos das Américas. Além disso, já há certa variedade de estudos acadêmicos e profissionais sobre estas questões envolvendo o chamado Sumak Kawsay.

O pesquisador Antonio Luis Hidalgo Capitán, e a pesquisadora Ana Patricia Cubillo-Guevara realizaram um estudo sobre algumas alterações constitucionais latino-americanas e os diversos debates que envolvem essas terminologias e perspectivas nativas, chegando a algumas conclusões. Segundo a pesquisa,

El *sumak kawsay* puede ser definido como forma de vida en armonía con la naturaleza y con otros seres humanos. Esta es la idea que está implícita en las citadas constituciones. Idea que parte de una concepción de la vida deseable inspirada en la cultura de los pueblos indígenas, quechuas y *aymaras* especialmente, y que se apoya en los principios de equidad social y sostenibilidad ambiental. Esta definición podría ser compartida por casi todos los intelectuales que han reflexionado sobre el tema, pero prácticamente aquí acaban los consensos, porque luego el *sumak kawsay* adquiere un significado diferente para cada intelectual que ha tratado de profundizar en el mismo. (HIDALGO-CAPITÁN; CUBILLO-GUEVARA, 2014, p.26).

O consenso está na ideia de que este bem viver se inspira na cultura dos povos indígenas, na igualdade social e no respeito à natureza. Existem variadas dimensões e perspectivas sobre o chamado *sumak kawsay*. Conforme a pesquisa, esse tema tem, pelo menos, seis diferentes debates.

Segundo eles, existe

amplia polémica sobre, al menos, seis cuestiones: ¿qué es el *sumak kawsay*?, ¿a qué paradigma cultural pertenece el *sumak kawsay*?, ¿cómo debe traducirse *sumak kawsay* al español?, ¿qué relación guarda el *sumak kawsay* con el desarrollo?, ¿cómo surge el *sumak kawsay* en el ámbito académico? y ¿a dónde nos conduce el *sumak kawsay*? (HIDALGO-CAPITÁN; CUBILLO-GUEVARA, 2014, p.26).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ao analisar os discursos de diferentes autores, Capitán e Guevara afirmam que “podemos distinguir, al menos, tres corrientes de pensamiento sobre el *sumak kawsay*, la socialista y estatista, la ecologista y post-desarrollista y la indigenista y ‘pachamamista’”. Para Capitán e Guevara “la primera corriente sería la socialista y estatista, caracterizada por la relevancia que le dan a la gestión política estatal del *sumak kawsay*, así como a los elementos relativos a la equidad social”. Segundo os/as autores/as, estes pensadores acabam “dejando las cuestiones ambientales y las culturales e identitarias en un segundo plano.” (HIDALGO-CAPITÁN; CUBILLO-GUEVARA, 2014, p.26-7).

Já a segunda corrente de pensamento seria a “ecologista y post-desarrollista, caracterizada por la relevancia que le dan a la preservación de la naturaleza y a la construcción participativa del *buen vivir*, con la inclusión de aportes indigenistas, socialistas, feministas, teológicos y, sobre todo, ecologistas.” (Idem, 2014, p.28).

Para finalizar, Capitán e Guevara apontam para uma terceira corrente de pensamento, “a ‘indigenista y ‘pachamamista’, caracterizada por la relevancia que le dan a la autodeterminación de los pueblos indígenas en la construcción del *sumak kawsay*, así como a los elementos espirituales de la cosmovisión andina.” (Ibidem, 2014, p.29).

Estes estudos relativos às diferentes bibliografias que tratam do Bem Viver colaboram para reconhecer a existência de um grande dinamismo nos olhares sobre o tema. Esta diversidade de dimensões possíveis para sentir e pensar o Bem Viver / Sumak Kawsay abre espaço para as relações de proximidade existentes entre os povos indígenas e a população quilombola.

Nas interações antropológicas entre pesquisadores e comunidades andinas, foi possível perceber que havia uma lógica própria na elaboração das prioridades, das condutas e dos valores daquelas comunidades indígenas e de que, além disso, existem demandas próprias para se chegar ao Bem Viver / Sumak Kawsay.

Já no presente trabalho, o caminho percorrido foi no sentido de compreender quais são as necessidades dos remanescentes de quilombos para a conquista de melhores situações de existência, relacionando-as à construção de situações de *Bem Viver específicas das Comunidades Quilombolas*.

A busca por tentar compreender os conhecimentos e saberes populares pode mostrar importantes características destas comunidades. Tanto o conceito de “Bem Viver” (QUIJANO, 2011)



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

quanto o conceito de “Sentipensar” (ESCOBAR, 2014) são conceituações acadêmicas baseadas na observação das características vivas e dinâmicas de comunidades identificadas com seu território e de populações que possuem uma concepção de vida diferente da sociedade ocidentalizada em geral.

Segundo Arturo Escobar, o conceito de “*Sentipensar*” foi popularizado pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda, apreendido das concepções populares ribeirinhas da Costa Atlântica. Escobar (2014) apresenta este conceito, afirmando que

Sentipensar con el territorio implica pensar desde el corazón y desde la mente, o co-razonar, como bien lo enuncian colegas de Chiapas inspirados en la experiencia zapatista; es la forma en que las comunidades territorializadas han aprendido el arte de vivir. Este es un llamado, pues, a que la lectora o el lector sentipiense con los territorios, culturas y conocimientos de sus pueblos —con sus ontologías—, más que con los conocimientos des-contextualizados que subyacen a las nociones de “desarrollo”, “crecimiento” y, hasta, “economía”. (ESCOBAR, 2014, p.16).

Como afirma Escobar, estas maneiras próprias de encarar a vida, característica de comunidades tradicionais, valorizam os sentimentos, as perspectivas emotivas e o fator relacional de cada pessoa com o seu território e com a sua comunidade. Nas ações das famílias quilombolas, a perspectiva racional não deixa de estar presente, mas está permanentemente entrelaçada com os sentimentos e desejos próprios das famílias e das comunidades. Por isso que, ao dialogar com o termo “*sentipensar*”, pode-se perceber de maneira conjunta o que a proposta colonizadora de análise trata como separado.

A resistência da população africana escravizada, assim como a resistência indígena, serviu para que esta Colonialidade do Poder não fosse hegemônica a todo o momento e em todas as partes, e para que se mantivessem e se recriassem algumas práticas que colaboraram na continuidade das tradições indígenas, africanas e afro-brasileiras.

Para colaborar no desenvolvimento metodológico desta pesquisa junto às comunidades quilombolas, são utilizadas as contribuições de Jacques Léon Marre e suas considerações sobre o uso das histórias de vida como método biográfico. Segundo Marre (1991), muito mais que uma entre outras técnicas de acesso às informações ou dados, a história de vida é parte essencial de um método biográfico, cujo objetivo é, a partir da totalidade sintética que é o discurso específico de um indivíduo, reconstruir uma experiência humana vivida em grupo e de tendência universal. (MARRE,



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

1991, p.89). Dessa maneira é possível, a partir de uma história de vida relatada por um sujeito, operacionalizar as informações obtidas, sintetizando-as, e se aproximar de generalizações que sejam condizentes com a história social do grupo o qual faz parte o sujeito.

No caso das comunidades quilombolas, os indivíduos têm diferentes relações entre si e com os “outros”, no momento de interagir para a comercialização, por exemplo, na sala de aula da Universidade ou quando é apresentado o Ensaio de Pagamento de Promessa a Nossa Senhora do Rosário. Sendo assim, para se chegar ao geral, através de histórias de vida singulares, “cada indivíduo reinterpreta, de modo singular, cada evento vivido e comum a todo o grupo”. O pesquisador precisa levar “em conta não somente o que é comum a todas as histórias de vida, mas, igualmente, como esse comum é vivido de um modo singularizado por cada um dos entrevistados”. São as experiências singulares nas vivências comuns que permitem a designação *totalidades sintéticas*. (MARRE, 1991, p.132).

Dentre as técnicas utilizadas nesta pesquisa estão as entrevistas semi estruturadas, com o intuito de compreender o sentido dado pelos quilombolas para as práticas de auto consumo, comercialização e nas manifestações culturais festivas e religiosas. Junto à técnica de entrevista, foi desenvolvida também a técnica de observação participante (BECKER, 1999; HAGUETTE, 1987), percebendo o ambiente, os detalhes e as situações cotidianas das famílias produtoras quilombolas. As entrevistas foram feitas no território do quilombo dos Teixeiras, no espaço das residências dos(as) entrevistados(as), junto às suas famílias. Além destes locais, três das entrevistas foram realizadas na biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental 11 de abril, escola esta localizada na zona periférica da área urbana do município de Mostardas/RS.

As entrevistas realizadas para o desenvolvimento desta pesquisa tiveram a duração entre uma e duas horas e foram conduzidas por perguntas que pretenderam acessar memórias e relatos sobre: os trabalhos agrícolas e de tecelagem dos(as) produtores(as) quilombolas; as relações de racismo com os não-quilombolas; a auto-identificação enquanto remanescentes de quilombos; as práticas comunitárias culturais festivas e religiosas; a dependência em relação à cidade e o acesso à saúde, transporte e educação pública, especialmente no Ensino Superior.



A escolha dos(as) entrevistados(as) se deu conforme a aproximação com as famílias do Quilombo dos Teixeiras. Foram escolhidas pessoas que trabalhavam com agricultura de auto consumo, com cultivo do arroz, com tecelagem e, também, pessoas que estivessem envolvidas com a realização do Ensaio de Pagamento de Promessa para Nossa Senhora do Rosário. Ao longo do processo de escolha das pessoas a serem entrevistadas, procurou-se contemplar os relatos das mulheres que participam ativamente na agricultura, na tecelagem e no Ensaio de Pagamento de Promessa. Houve a preocupação também de perceber as diferenças existentes entre as famílias que compõem o quilombo, no que se refere às disputas internas envolvendo a comunidade e a associação quilombola.

Ao total desta pesquisa foram realizadas onze entrevistas. Destas, foram quatro entrevistas com mulheres e sete entrevistas realizadas com homens. Esta pesquisa foi realizada nos anos de 2014, 2015 e 2016, sendo que as entrevistas foram realizadas ao longo do ano de 2015.

Os caminhos metodológicos nesta pesquisa procuraram estar em consonância com as perspectivas de sentir e pensar o mundo dos membros da comunidade quilombola. O desejo de manutenção e conquista de mais situações de Bem Viver Quilombola, onde exista um respeito ao bem viver coletivo e aos modos de vivências tradicionais que ainda são praticados na comunidade, pode ser percebido nas relações com os/as quilombolas ao longo desta pesquisa.

As práticas e estratégias quilombolas de Bem Viver

No sentido de identificar as estratégias para a manutenção material das famílias da comunidade quilombola dos Teixeiras, foi percebido que a renda obtida por meio da aposentadoria dos idosos da comunidade se apresenta como uma garantia mínima de renda familiar. Entre as conclusões a que se pode chegar, por meio desta pesquisa, está o fato de que ainda é muito comum, na maioria das famílias da comunidade quilombola dos Teixeiras, a prática da agricultura, principalmente dos plantios destinados a suprir as necessidades alimentares.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nesse sentido, a agricultura e a pecuária destinada ao auto consumo é uma estratégia para o provimento e para a manutenção em seu território. Diversas falas dos(as) entrevistados(as) afirmam que a manutenção das famílias quilombolas passa também pelo acesso à água própria para o consumo, acesso à saneamento básico e à serviços de saúde e de educação.

O recente acesso destas famílias às políticas públicas de ação afirmativa, por conta do acionamento da identidade enquanto quilombolas vêm sendo decisivo para que se contemplem as demandas quilombolas por infra-estrutura material na comunidade.

Mesmo que o acesso a políticas públicas na área agrícola tenha se desenvolvido nas últimas décadas, ainda existem relatos sobre uma diminuição na quantidade de jovens na comunidade quilombola dos Teixeiras. Há também relatos que houve uma diminuição do interesse destes(as) jovens pelas atividades agrícolas e de pecuária. Alguns jovens vão à busca de melhores empregos, outros vão à busca de melhores oportunidades de estudos. Se percebe que a dificuldade no acesso ao emprego e ao estudo técnico e universitário, em locais próximo ao quilombo, faz com que estes(as) jovens se sintam mais atraídos(as) pela cidade, na busca de novas situações e novas experiências de vida.

A política pública executada nas universidades federais, destinada a criar vagas extras no Ensino Superior para egressos do Ensino Médio que sejam moradores de comunidades quilombolas, vem sendo utilizada pelos(as) jovens da comunidade dos Teixeiras. Nos relatos era comum de se ouvir que, nos últimos anos, existem mais oportunidades para que a população quilombola entre em universidades federais, possibilitando, a esta população, o acesso ao Ensino Superior.

Portanto, o acesso ao Ensino Superior Público pelo acionamento da identificação enquanto quilombola vem colaborando na conquista de situações de Bem Viver Quilombola. Este bem viver passa pelo aumento da auto-estima, por se sentirem mais dignos e com maiores condições de reivindicar seus direitos. Passa também por terem a possibilidade de trabalhar em profissões e ocupar postos que foram, historicamente, negados aos(às) negros(as) e aos membros das comunidades quilombolas.

As diferenças e semelhanças percebidas pelos quilombolas nas relações com os não-quilombolas fazem com que a construção identitária, enquanto remanescentes de quilombos, se



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

reafirme e se reinvente. Se reafirme na identificação enquanto sendo “diferentes” daquele grupo de pessoas que historicamente acessaram o Ensino Superior. E se reinvente, pois os(as) quilombolas também podem ter profissões diferentes do que as relacionadas a atividade do campo, por exemplo.

Nesse sentido, é possível concluir que *a construção da identidade quilombola se dá a partir das relações já existentes entre a identidade historicamente construída de agricultores negros e as novas perspectivas, re-criações e re-significações identitárias quilombolas. Estas mudanças no modo de se observar quilombola fazem com que a comunidade transforme em auto-estima e em ações afirmativas a condição de “quilombolas”.*

As características negativas historicamente identificadas ao povo negro por conta do racismo, e as diversas situações de preconceito e discriminação não são mais as únicas referências quando se fala em quilombolas. Mesmo com as dificuldades inerentes a viver em uma sociedade ainda racista, como a brasileira, os membros destas comunidades vêm sendo identificados também como estudantes universitários, como produtores de alimentos de boa qualidade e, sobretudo, como membros de uma comunidade que possuem direitos e que luta constantemente para vê-los efetivados.

As características da produção quilombola ligadas a não utilização de agrotóxicos, à produção ambientalmente responsável e ao respeito aos modos ancestrais de lidar com a terra, credenciam estes(as) produtores(as) a serem identificados positivamente, enquanto produtores rurais com qualidades destacáveis.

A identificação, enquanto remanescentes de quilombos, está marcada também pela reprodução e re-significação das manifestações culturais e religiosas promovidas pela comunidade quilombola. As estratégias para o sustento e para a conquista de situações de Bem Viver Quilombola passam, necessariamente, pela manutenção das cerimônias relacionadas à devoção a Nossa Senhora do Rosário, onde inclui as festas em nome desta santa e a realização do chamado *Ensaio de Quicumbi*, ou *Ensaio de Pagamento de Promessa*.

A transmissão do conhecimento para a realização do Ensaio de Pagamento de Promessa continua sendo feito nas comunidades da região por meio da transmissão geracional, ou seja, de pai para filho. Mas, adicionada a esta forma de manter a tradição está a estratégia de levar à



comunidade escolar de Mostardas/RS a cultura negra desenvolvida pelas comunidades quilombolas da região.

Membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Mostardas/RS vem realizando um trabalho junto à escola estadual 11 de abril, apresentando, aos(às) jovens, as várias cantigas, danças, músicas e encenações feitas no Ensaio de Pagamento de Promessa. Deste trabalho surgiu o “Grupo de Teatro Quicumbi”, com jovens estudantes negros(as) e não negros(as), que encenam parte do ritual de pagamento de promessa.

Foi identificado, a partir dos relatos obtidos, que as manifestações culturais quilombolas vêm tendo maiores chances de terem continuidade, em longo prazo, por meio do ensinamento aos(às) jovens das escolas sobre as cantigas, as danças e a teatralidade na realização de um Ensaio de Pagamento de Promessa. A continuidade destas manifestações culturais quilombolas, seja feito pela Irmandade ou pelo grupo de teatro escolar, colaboram para a existência de situações de Bem Viver Quilombola.

Ao compartilhar suas manifestações culturais com a comunidade negra mostardense como um todo e com pessoas que se identificam com a promoção da igualdade racial e da Cultura Viva brasileira, a parceria entre a Irmandade e a comunidade escolar gera frutos promissores que enchem de orgulho e alegria as pessoas envolvidas.

Entrelaçando finais: Comunidades Quilombolas e seu Bem Viver

Os membros da comunidade quilombola dos Teixeiras atualmente se identificam como sendo “quilombolas”, relatando com orgulho o fato de estar nesta condição. A identificação enquanto “negros dos Teixeiras” é agora transmutada na identificação enquanto “quilombolas”. A identificação enquanto comunidade de negros(as) continua, mesclada agora com a identificação de quilombolas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Interessante destacar que, nos últimos anos, as mesmas famílias remanescentes do quilombo que se identificavam e eram identificadas como sendo “a negra dos Teixeiras” num sentido inferiorizado, vêm transformando o sentido dado às características da população quilombola. Essa re-significação converte em qualidades positivas as caracterizações antes negativas e degradantes.

Sendo assim, dentre as estratégias para a conquista de situações de Bem Viver Quilombola está a identificação coletiva enquanto sendo famílias remanescentes de quilombo. A resistência cultural negra e a conquista de direitos no final da década de 1980 no Brasil possibilitaram, especialmente na região de Mostardas/RS, um maior contato entre a população quilombola e a população não-quilombola. E este processo vem acontecendo numa diferente conjuntura e diferente correlação de forças, um pouco mais favoráveis aos quilombolas. As re-significações identitárias acontecem justamente nas relações com membros externos à comunidade quilombola.

Por conta destas transformações observadas, existem atualmente novas circunstâncias para as sociabilidades destas famílias. Cada vez mais as *trocas culturais quilombolas*, nas suas relações com o mundo externo, fortalecem a continuidade destas práticas culturais vitais no sentido existencial destas comunidades. É na procura por caminhos que levem às situações de Bem Viver Quilombola que ocorrem estas afirmações das identidades, re-significadas na relação com o outro, em perspectivas dinâmicas e transformadoras.

Nesse sentido, após o reconhecimento dos direitos territoriais, sociais e culturais das comunidades remanescentes de quilombos, feito pela Constituição de 1988, estas famílias tiveram maiores condições de acionar a sua condição legítima de quilombolas, para acessarem melhores condições de vida. O acionamento desta categoria “quilombola” tem possibilitado a estas comunidades a manutenção e a busca de novas situações de Bem Viver Quilombola, acessando políticas públicas e mantendo-se vigilantes e articulados politicamente, para que nenhum direito conquistado seja revertido por conta de pressões políticas racistas e conservadoras.



Bibliografia

- BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Cap. 2. Problemas de inferência e prova na Observação Participante. Hucitec: São Paulo, 1999.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte/MG, Ed. UFMG, 1998.
- CADERNO DE CAMPO. **Anotações das observações realizadas na convivência com os(as) quilombolas**. Tiago Larrosa Freitas. Mostardas/RS, 2014-2015-2016.
- CHORA MAKAMBA: **Os caminhos do Ensaio de Promessa de Quicumbi**. DVD, 51 min. Maria Elizabeth Lucas, Janaina Lobo (org). Grupo de Estudos Musicais - GEM/UFRGS, 2010/2011.
- EMATER/RS. **Estudo de Caso: Comunidade de Teixeiras Mostardas/RS**. Mostardas/RS, EMATER/ASCAR, 2002.
- ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra**. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín/Colômbia, Ed. UNAULA, 2014.
- FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na sociedade de classes**. São Paulo: Cia editora Nacional, 1º vol., 1965.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo-SP, Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, editora 34, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11º ed. Rio de Janeiro/RJ, Editora DP&A, 2006.
- HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; CUBILLO-GUEVARA, Ana Patricia. **Seis debates abiertos sobre el Sumak Kawsay**. Revista Íconos: Revista de Ciencias Sociales, nº48, vol. 18, Ed. FLAC-SO, Jan/2014, Equador.



KICHWA, Yachakukkunapa Shimiyyuk Kamu. **ECUADOR**, Ministerio de Educación, Ed. Universidad Andina Simón Bolívar (UASB), 2009.

LEGISLAÇÃO SOBRE COMUNIDADES QUILOMBOLAS. Ed. Senado Federal. Brasília/DF, 2014.

MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, LÍlian. A Constituição de 1988 e a ressignificação dos quilombos contemporâneos. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais ANPOCS**. Vol. 28, num. 81. São Paulo-SP: ANPOCS. Fev. 2013.

MARRE, Jacques Léon. **História de vida e método biográfico**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, UFRGS, v. 3, n. 3, p. 89-141, 1991.

QUIJANO, Aníbal. “BienVivir”: entre el “desarrollo” y la des/colonialidad del poder. In: **Revista Ecuador Debate**. Quito/Ecuador: N° 84, p. 77-88, dez/2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, Argentina. p.227-278, Set. 2005.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y Horizontes**. De la Dependencia Histórico-Estructural a la Colonialidad/Descolonialidad del Poder. Buenos Aires, ed. CLACSO, 2014.

RAMOS. João Daniel Dorneles. **Identidade Quilombola: mobilização política e manifestações culturais em Beco dos Colodianos**. 2011. 188f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2011.